



Ciência em Dia

Carnaval da soja

MARCELO LEITE

COLUNISTA DA FOLHA

“Abençoada seja a plantação”, proclama o samba-enredo “De Sol a Sol, de Sol a Soja”, da escola Tradição, que entra na Marquês de Sapucaí empurrada por R\$ 1,5 milhão de patrocínio do agronegócio que vai trazer US\$ 10 bilhões para o Brasil neste ano, segundo informou reportagem de Mauro Zafalon, quinta-feira, na **Folha**. Que Saturno —o deus da agricultura— mande então suas bênçãos, muitas, pois delas a soja vai precisar quando o Carnaval passar.

De 2003 para 2004, foi uma orgia. A produção cresceu no Brasil e caiu nos EUA, os preços internacionais subiam. No Centro-Oeste, em que a área plantada com a leguminosa cresceu 66,1% de 2001 para cá, o dinheiro ainda corre solto. Todo mundo conhece alguém que se mudou para Mato Grosso ou Rondônia, nos últimos meses, em busca dos empregos abundantes por lá.

O ano de 2005, porém, pode ser de cinzas. Primeiro, porque os preços devem seguir caindo, e há muita gente prevendo crise financeira no setor, sobrecarregado com dívidas contraídas na compra de máquinas. Depois, porque é grande o risco de que o grão de ouro receba as piores notas da opinião pública no quesito ambiental. Ou, pior, que a platéia se divida em amigos e inimigos da soja, como já ocorre com sua variedade transgênica.

A polarização indica o caminho certo para inviabilizar uma discussão séria sobre os efeitos dessa expansão épica. E é esse o rumo que está tomando a cobertura, pela imprensa, da polêmica em gestação sobre o impacto da soja na floresta

amazônica. Pelo que se pode ler, especialistas de um lado dizem que ela causa desmatamento, e especialistas do outro lado afirmam que não, ela só ocupa pastagens degradadas. Ocorre que é um pouco mais complicado.

O mais recente incentivo à controvérsia partiu do circunspecto Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), um texto para discussão (número 1.062) de autoria de Antonio Salazar Pessoa Brandão, da Uerj (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), Gervásio Castro de Rezende e Roberta Wanderley da Costa Marques, ambos do Ipea. Muito técnico, o trabalho por vezes descamba para uma espécie de editorial, por exemplo na defesa enfática da pavimentação da rodovia BR-163 (Cuiabá-Santarém) e da inocuidade ambiental da cultura da soja no

Mato Grosso. Espantosamente, não menciona o fato de esse ser o Estado campeão em taxas de desmatamento.

Embora não tenha sido planejado como contraponto ao artigo do Ipea, assim está sen-

do tomado pela imprensa um estudo em preparação pelo Fórum Brasileiro de ONGs. Segundo André Lima, do Instituto Sociomambiental (ISA), ele se baseia num sobrevôo realizado em novembro passado sobre 31 grandes desmatamentos (acima de mil hectares) ocorridos em 2003, no norte de Mato Grosso, e em imagens de satélite de 2001 a 2004. Constatou-se que 70% das áreas desmatadas foram, sim, convertidas para agricultura, mais da metade para soja.

Apesar das aparências, os dois trabalhos não são incompatíveis. Ambos se baseiam em dados e medidas, portanto dão margem a um debate mais adulto do que a mera contraposição de gananciosos contra ecochatos.

*É grande o risco
de que o grão
receba as
piores notas no
quesito ambiental*